



Ensaio Fotodocumental: Camponeses de Mariluz/PR Lutam Contra a Barragem de Apertados

Thiago Casoni¹

Max Emerson Rickli²

Resumo

Um grupo de vinte camponeses do Assentamento Nossa Senhora Aparecida, em Mariluz/PR, participou de uma manifestação contra instalação de Pequenas Hidroelétricas (PCHs) no Rio Piquiri, um dos principais rios no Paraná. Os produtores rurais atravessaram o Rio Goioerê com destino ao recanto dos Apertados, em Formosa do Oeste/PR. O ato ocorreu no último dia 14 de março de 2015 em alusão ao Dia Mundial Contra Barragens. Na oportunidade, a Incubadora de Empreendimentos Solidários (IEES) de Umuarama/PR, produziu uma narrativa fotoetnográfica durante todo o percurso com o objetivo de criar uma documentação artística evento. As imagens foram postadas na comunidade Pró-Ivaí/Piquiri no Facebook. O projeto visual busca acelerar o processo de tombamento da região junto ao Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado.

Palavras-chave: fotoetnografia; Rio Piquiri; Patrimônio Histórico.

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

¹Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO, e-mail: thiagocasoni@gmail.com

²Mestre em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá UEM, e-mail: ricklimax@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Dia 14 de março é marcado internacionalmente pela Luta Contra as Barragens, pelos Rios, pela Água e pela Vida. Segundo dados recentes da Comissão Mundial de Barragens (órgão ligado à ONU), no mundo, cerca de 80 milhões de pessoas foram atingidas direta ou indiretamente pela construção de usinas hidrelétricas.

Diante desse quadro, um dos principais projetos da Incubadora de Empreendimentos Econômicos Solidários do Campus Avançado de Umuarama (IEES/CAU/UEM) - Unitrabalho é a incubação de uma Cooperativa no assentamento Nossa Senhora Aparecida, em Mariluz/PR. O Projeto é desenvolvido com incentivo do CNPq, junto a Secretária Nacional de Economia Solidária, ligado ao Ministério do Trabalho, criando possibilidades de inserção social dos assentados através da criação e fortalecimento de empreendimentos econômicos solidários e redes de integração, criando alternativas sustentáveis de geração de renda e desenvolvimento econômico.

O território passa por uma crescente evasão populacional rural. As pessoas pobres que resistem e continuam morando na região empregam-se em atividades de baixíssima renda (serviços domésticos, facção, comércio ou lavoura de monocultura). Outras pessoas ainda buscam a sobrevivência no coletivo, organizando-se de maneira formal (associações e cooperativas) ou informal. A incubação da Cooperativa contribui para redução do êxodo territorial e propicia a inserção socioeconômica à luz da Economia Solidária.

Atualmente, vivem no assentamento aproximadamente 1.200 pessoas - divididas em 235 lotes. Diante disso, cerca de 17 famílias correm o risco de perderem suas propriedades produtivas devido à possibilidade de construção da Pequena Hidroelétrica Água Limpa (PCH), no Rio Goioerê. O receio é de Recanto do Apertado e o Salto Paiquerê seja afetado pelo empreendimento. A usina teria capacidade de gerar 23 megawatts, o suficiente para abastecer apenas 70 mil pessoas em detrimento de 800 famílias prejudicadas direta e indiretamente pela construção das barragens.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A partir do século XX a ‘visão fotográfica’ aflorou na constituição do material imagético como condição inevitável de uma transformação social, ela tornou-se necessária como uma nova percepção. Ou seja, um olhar mediado por uma visão crítica. Ampliando a função da imagem como uma nova forma de comunicação.

todo o retrato de outra pessoa é um ‘auto-retrato’ do fotógrafo, assim como para Minor White - ao promover ‘a autodescoberta por meio da câmera’ - as fotos de paisagens são, na verdade, ‘paisagens interiores’. Os ideais são antitéticos. Na medida em que a fotografia é (ou deveria ser) sobre o mundo,

o fotógrafo conta pouco, mas na medida em que é o instrumento de uma subjetividade questionadora e intrépida, o fotógrafo é tudo. (SONTAG, 2004 p.138).

De acordo com o autor americano, Michael Kunczik, o jornalismo possui basicamente duas vertentes distintas; isto é, duas maneiras diferentes de abordagem no que tange a cobertura dos acontecimentos. Genericamente, a crítica que se faz ao chamado jornalismo “objetivo” deriva da falta de questionamentos no que se refere à conduta da classe governante. A realidade não é transformada, em detrimento de uma cobertura aprofundada dos fatos. A simples notícia de um evento satisfaz neste ponto, tanto o Estado quanto o veículo emissor. “Um é o jornalismo objetivo e neutro, distanciado passivamente dos eventos de que trata. O oposto é o jornalismo ativamente comprometido e socialmente engajado, que promove causas.” (KUNCZIK, 2002, p.97).

Não por acaso, a conduta neutra das chamadas “notícias objetivas” é consequência de normas de procedimento editoriais registradas minuciosamente, através dos chamados manuais de redação, a favor da ordem estabelecida. Em contrapartida, o jornalista “defensor” é rotulado como um líder das camadas menos favorecidas da sociedade, atuando como um porta-voz engajado.

Isso pode implicar pelo menos um esforço para mudar a estrutura social. O defensor não se sente comprometido com o princípio da neutralidade de valores; identificando-se com os valores do público ou de partes do público, fazendo uma campanha vigorosa pela difusão de certas idéias ou fatos, sem reivindicar a posse da verdade fundamental sobre o assunto tratado. (KUNCZIK, 2002, p. 98).

Em sentido restrito o fotojornalismo se difere do fotodocumentarismo principalmente no que tange a metodologia de abordagem em relação ao tema.

É fotografia documental a que se desenvolve essencialmente em termos de projeto e que tem em vista, precisamente, documentar a realidade da forma como esta é percebida pelo fotógrafo, ainda que acentuando pontos de vista, como no caso dos fotógrafos do compromisso social. (SOUSA, 2000 p.53).

Um documentarista trabalha através de longos projetos, tendo a liberdade para escolher previamente: onde, quando e o que irá fotografar. Sua ação ultrapassa a simples catalogação imediata de um acontecimento. Essa vantagem editorial, entretanto, é raramente oferecida ao chamado foto-repórter, que ao chegar à redação, dificilmente conhece as pautas que irá cobrir ao longo do seu turno. “O fotojornalismo viveria das *feature photos* (fotografias de situações peculiares encontradas pelos fotógrafos em suas deambulações) e das *spot news* (fotografias únicas que condensam uma representação de um acontecimento e um significado.” (SOUSA, 2000 p.17).

O ensaio fotográfico foi desenvolvido por meio de pesquisa de ação exploratória e intervencionista com a finalidade de descrever, através da narrativa visual, a manifestação dos assentados, que convivem com a possibilidade de perderem suas propriedades devido à construção de uma Pequena Central Hidroelétrica (PCH), no rio Goioerê, em Mariluz/PR. As informações foram obtidas por meio de investigação do tipo de pesquisa-ação e de campo, com entrevistas e fotografias obtidas a partir da convivência com os camponeses envolvidos.

A coleta de dados foi feita através da abordagem de observação qualitativa e participante, utilizando uma câmera fotográfica digital Canon DSLR *reflex* como mediadora desse processo. O material colhido foi editado e publicado no grupo de pesquisa do IEES, no Facebook, para a divulgação da realidade vivida.

DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Desfavoráveis à construção de Pequenas Hidroelétricas (PCHs) no Estado do Paraná, dezenas de “Amigos do Rio Piquiri” participaram de um manifesto alusivo ao Dia Internacional de Lutas Contra as Barragens, pelos Rios, pela Água e pela Vida, no Recanto do Apertado, em Formosa do Oeste/PR. Várias caravanas se encontraram com o objetivo específico de protestar contra a construção de barragens no Rio Piquiri. O evento contou com a participação de autoridades de Goioerê, Quarto Centenário e Mariluz. Foram debatidos os prejuízos que podem ser causados pela construção da Hidrelétrica de Apertados e a do Salto Paiquerê. Também foram apresentadas alternativas sustentáveis à construção das barragens. A organização do evento ficou por conta da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Vale do Piquiri (FADCT), de Goioerê/PR.

Um ônibus saiu da Sede do Assentamento Nossa Senhora Aparecida por volta do meio-dia, conduzindo cerca de vinte trabalhadores rurais até a margem do Rio Goioerê. Na beira do Rio foram divididos pequenos grupos para facilitar a travessia de barco até a margem do Rio Piquiri, em Formosa do Oeste/PR. Após o trajeto, iniciou-se uma longa caminhada entre terras produtivas em direção ao Recanto do Apertado. Chegando ao local do encontro, alguns camponeses não conseguiram contar tamanha emoção devido à força das águas em meio à rica biodiversidade local. Muitos fizeram o trajeto pela primeira vez. O contato dos pés descalços dos trabalhadores rurais com as pedras e a água corrente gelada se deu forma honesta. Naquele instante foi selado o encontro entre o homem, natureza, e a responsabilidade ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A IEES fez uma documentação fotográfica de todo o descolamento dos camponeses até o Salto Apertado. A narrativa fotográfica visual será utilizada como instrumento de documentação da memória local.

Antes de mais nada, como uma representação a partir do real. Entretanto, em função da materialidade do registro, no qual se tem gravada na superfície fotossensível o vestígio/aparência de algo que se passou na realidade concreta, em dado espaço e tempo, nós a tomamos também como um documento do real, uma fonte histórica. (KOSSOY, 2002 p.31).

A fotoetnografia pode transformar a realidade social da comunidade atingida com intuito de preservar a memória dos cooperados e promover a inclusão social das famílias ameaçadas. A experiência, neste sentido, torna-se uma ferramenta primordial para a criação artística e documental. Haja vista que a prática etnográfica visual sugere trabalhos científicos ou diversos tipos de publicações.

A produção de fotografias etnográficas contribui para a reconstituição da história cultural de grupos sociais e para uma melhor compreensão dos processos de transformação na sociedade. Em razão de seu caráter cultural, a fotografia, seja extraída de arquivos ou fruto de trabalhos de campo, pode e deve ser utilizada como fonte de conexão entre os dados da tradição oral e a memória dos grupos estudados. (BONI; MORESHI, 2007 p. 154).

Diante disso, o as imagens irão desempenhar um papel protagonista no processo de Tombamento do Salto Paiquerê junto ao Conselho de Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná, em Curitiba/PR. Para a apresentação do trabalho na X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã, as fotografias serão projetadas, através de um datashow, na forma de uma série fotográfica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2002.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**. São Paulo: Editora USP, 2002.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Editora Letras Contemporâneas e UNOESC, 2000.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2004.
- BONI Paulo; MORESHI Bruna. **Fotoetnografia: a importância da fotografia para o resgate etnográfico**. Londrina: UEL, 2007.